

**A segunda visão de Hildegarda de Bingen:  
uma interpretação a partir do texto bíblico**

*A visão do Liber divinorum operum*

**Hildegarde of Bingen's second vision:  
an interpretation based on the biblical text**

*The vision of the Liber divinorum operum*

*Cleverton Duarte Epormucena<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Hildegarda de Bingen, nascida na Alemanha numa família nobre, foi taxada como uma mulher que possuía perturbações psicológicas, mas sempre foi uma filha exemplar e com tendências para a espiritualidade. Ainda muito jovem decidiu-se pela consagração religiosa e, sendo oferecida a Deus, tornou-se teóloga e filósofa mística. O presente artigo trata de uma de suas visões, na qual a mística representa através de suas pinturas em tela. A visão é a do *Liber divinorum operum*, ou seja, *O Livro das obras divinas*, e o objetivo do artigo é fazer uma análise desta “Tela-Visão” paralelo ao texto bíblico, pois segundo parece suas revelações se assemelham muito ao que está relatado nos escritos sagrados judaico-cristãos. O que se espera deste artigo é que venha a despertar em cada leitor a importância das artes e iconografias nas representações espirituais do Mistério.

**PALAVRAS-CHAVE**

Hildegarda de Bingen; Mistério; Divino; Visão; Humano.

**ABSTRACT**

Hildegarde of Bingen was born in Germany to a noble family. She was labeled as a woman with psychological disorders, but she was always an exemplary daughter with a tendency towards spirituality. At a very young age, she decided on religious consecration and offered herself to God, becoming a theologian and mystical philosopher. This article will deal with one of her visions, which the mystic represents through her paintings on canvas. The vision that will be studied is the *Liber divinorum operum*, or *The Book of Divine Works*. The aim of this article is

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR – Brasil.

to analyze this “Canvas-Vision” in parallel with the biblical text, since it seems that its revelations are very similar to what is reported in the Judeo-Christian sacred writings. It is hoped that this essay will awaken in each reader the importance of the arts and iconography in spiritual representations of the Mystery.

## KEYWORDS

Hildegarde of Bingen; Mystery; Divine; Vision; Human.

### 1. Hildegarda de Bingen e sua época

Hildegarda de Bingen (1098-1179)<sup>2</sup> nasceu de uma família nobre na Alemanha. Ela foi a décima filha de seus pais, o barão Hildebert von Bermersheim e sua mãe a senhora Mechthild. Como de costume na época, ainda muito jovem foi oferecida a Deus. Teóloga e filósofa mística, aos 8 anos de idade foi levada por seus pais para um abrigo de mulheres eremitas estudiosas.<sup>3</sup> Gleichauf relata que no monastério onde ela foi morar havia somente duas janelas, uma voltada para o interior do ambiente e outra para o lado externo. Havia uma porta que saía para um jardim de ervas aromáticas. Entre 14 e 15 anos de vida fez votos de monja e, nesse ambiente, Hildegarda viveu por 30 anos. Mulher muito bem-dotada, aprendia com facilidade e rapidez. Tocava vários instrumentos, escreveu livros e canções bem como uma ópera.<sup>4</sup> Tal era seu amor pela música que relata: “Assim como a palavra representa o corpo, o cântico manifesta o espírito; pois a harmonia celeste revela a divindade, e a palavra difunde a humanidade do Filho de Deus”<sup>5</sup>.

Durante algum tempo, supunha-se que o estudioso Eckart (1260-1327) havia sido o primeiro místico alemão, ainda que ele tenha se referido de maneira clara a respeito de Hildegarda, que a cada dia se destacava como mulher e mística. Mesmo assim, a figura dessa estudiosa até então estava obscurecida pela figura masculina. Na época se reconheceu, ainda que timidamente, que as mulheres possuíam certa aptidão para desenvolverem sua experiência mística com o sagrado, porém, ao que parece, não eram levadas muito a sério. Outros acreditavam que o sexo feminino possuía uma sensibilidade maior que as permitiam um contato mais direto com o sagrado. Essa sensibilidade permitia-lhes sentir, de maneira espontânea, algum efeito misterioso provocado pelo ser Divino. Acreditava-se que pelo fato de a mulher não precisar se preocupar em ter alguma formação própria e de possuir um fácil entendimento possibilitava-lhes uma predisposição que as capacitavam para uma fé mais intensa.<sup>6</sup> No caso de Hildegarda, fica difícil de saber se suas curas milagrosas foi algo espiritual e divino ou decorriam de sua habilidade em manipular diversas espécies de ervas curativas. Como salienta Schipperges, a sua atuação e o

<sup>2</sup> PALAZZO, Carmen Lícia. Hildegard de Bingen: o excepcional percurso de uma visionária medieval- Hildegard of Bingen (1098-1179): the Exceptional Way of a Medieval Visionary Woman- Hildegard von Bingen (1098-1179): der außergewöhnliche Weg einer mittelalterlichen Visionärin, 2000, p. 139-149.

<sup>3</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. *Mulheres Intelectuais na Idade Média*. Entre a medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia e a Mística. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019, p. 48-49.

<sup>4</sup> GLEICHAUF, Ingeborg. *Mujeres filósofas en la historia*. Desde la Antigüedad hasta el siglo XXI. Barcelona: Icaria, 2010, p. 26, 29.

<sup>5</sup> HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias*. Conoce los caminos, Madrid, Trotta, 1999, p. 503.

<sup>6</sup> GLEICHAUF, 2010, p. 26, 29.

grande interesse em plantas medicinais e pelas suas práticas curativas em geral a fez ser conhecida como uma grande curandeira.<sup>7</sup>

No entanto, o que vem ao caso é o fato dessa estudiosa ser uma pessoa totalmente diferenciada na sociedade da época, a Alemanha no final do século XI e início do século XII. Conforme Brunelli, esse período histórico foi um período de grande renovação, expansão e esplendor para a ordem beneditina, à qual pertencia Hildegarda. Foram iniciadas uma série de mudanças que posteriormente viriam a ser conhecidas como as “Reformas de Cluny”. Nesse famoso mosteiro ingressou e foi formado um monge chamado Hildebrando, que por aclamação popular, em 1073, foi conhecido como o papa reformador Gregório VII.<sup>8</sup> Aquela época foi marcada por uma renovação tanto no quesito espiritual como secular; trata-se de uma época de um grande crescimento na ordem religiosa, na política, na sociedade e na cultura. Hildegarda foi conhecida por ter se posicionado contra a simonia religiosa bem como o celibato.

No final do século XI, a Europa começava a dar seus primeiros passos na recuperação social, decorrentes das guerras que prejudicaram em muito a economia, como por exemplo as lutas desencadeadas pelos ataques externos dos sarracenos, dos vikings ao Norte. Com o cessar fogo, a população poderia gozar de um início de segurança, o que veio a aumentar a produtividade agrícola. Schipperges destaca que o século XII foi caracterizado por mudanças em todas as áreas da sociedade, marcado por uma revalorização do trabalho e das atividades humanas, dentre elas da medicina prática em sua conexão com diversas artes. Aqui, destaca-se a grande atuação e o interesse de Hildegarda nessa área e seu vivo interesse pelas plantas medicinais e práticas curativas em geral, que operava através de sua vocação como curadora.<sup>9</sup>

É neste cenário histórico que Hildegarda escreve suas visões proféticas. Como bem descreve Newman, analisar a biografia de Hildegarda é também estudar a extensão cultural e social do século XII.<sup>10</sup> No ano de 1150, Hildegarda fundou seu próprio monastério em Rupertsberg, em Bingen. Em 1165, inaugurou seu segundo monastério. Há testemunhos da época que a estudiosa realizou muitos milagres, fato comprovado através das pessoas que a cercavam. Em 1147, Hildegarda apelou para o papa Eugenio III, a fim de que reconhecesse seu dom profético. Depois de algumas tentativas e espera, Eugenio III, no mesmo ano, enfim emite uma nota permitindo a estudiosa que escrevesse e falasse em público. Depois de muitas polêmicas que colocaram em dúvidas sua espiritualidade, após sua morte alguns se reconciliaram com as pregações de Hildegarda, pois viram que, realmente, ela possuía algo de especial e divino.<sup>11</sup>

Na época em que vivia, seu grande fervor espiritual provocava inseguranças nos monges, pois os monastérios femininos estavam sob a proteção e responsabilidade direta desses sacerdotes.

<sup>7</sup> SCHIPPERGES, Heinrich. *The world of Hildegard of Bingen: Her Life, Times and Visions*. Colleagueville, MN: Liturgical Press, 1998, p. 16.

<sup>8</sup> BRUNELLI, Delir. *Ele se fez caminho e espelho: o seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 16-17.

<sup>9</sup> SCHIPPERGES, 1998, p. 16.

<sup>10</sup> POLL, Maria Carmen Gomes Martimiano de Oliveira Van de. *A espiritualidade de Hildegarda Von Bingen: profecia e Ortodoxia*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo-Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009, p. 38.

<sup>11</sup> O Papa João Paulo II, em 1979 definiu Hildegarda de Bingen, Santa, por ocasião do seu 800º aniversário. João Paulo II relatou que a monja e teóloga, inegavelmente havia sido uma grande figura de mulher. Se definia por sua clareza límpida, por sua santidade de vida e originalidade de doutrina. Desde então, ela passou a ser de uma vez por todas, reconhecida e respeitada como uma figura exemplar na esfera da espiritualidade. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html).

Mais tarde, Hildegarda conseguiu total independência para o seu convento. Em seu convento, “igrejas”, as mulheres ocupavam as mesmas posições que os homens e também podiam cantar seus louvores, questão proibida nos conventos de origem. Dir-se-ia que Hildegarda foi uma das muitas precursoras da antiguidade a lutar pelos direitos iguais das mulheres que eram tão obscurecidas pela figura masculina.

A sociedade religiosa masculina da época gradativamente começou reconhecer o potencial e a sensibilidade dessas mulheres para as questões divinas, embora acreditasse que elas não possuíam capacidade de interpretar essas vivências místicas, que não tinham capacidade de extrair conclusões que pudessem ser válidas para as outras pessoas. Das muitas visões proféticas reveladas por Deus a Hildegarda, o presente artigo trata da 2ª visão, conhecida como “a visão do *Liber divinorum operum*” ou seja, “Livro das obras Divinas”.

## 2. Hildegarda de Bingen: o *Liber divinorum operum*

Hildegarda de Bingen, no seu *Liber divinorum operum* ou o “Livro das obras divinas”<sup>12</sup> procura demonstrar os mistérios celestiais, representando-os de forma harmônica, juntamente com os elementos naturais e da condição humana. A obra apresenta um tratado cosmológico com a topografia da salvação paralelo a perdição. Ela contém os mistérios do cosmo e a discussão sobre a criação do mundo e o fim dos tempos, bem como a intervenção divina na História, que se dá de duas grandes manifestações divinas, ou seja, *Sapientia* e *Caritas*, bases principais das forças amorosas que criaram e sustentam o mundo.

Hildegarda revela a situação do contexto dos filósofos e teólogos do século XII, os quais estavam preocupados em fazer uma abordagem da natureza e da história social. O *Livro das Obras Divinas* é uma espécie de ascensão espiritual que visou fazer da experiência interior um “envio” prático de uma mensagem denunciativa. Góngora observa que no presente quadro de pintura, Hildegarda, ainda que indiretamente, deseja denunciar as injustiças e corrupção de líderes religiosos, os quais se consideravam doutores, porém não agiam como tal.<sup>13</sup>

Quase todas as obras da estudiosa, a exemplo da que está em estudo, carrega um estilo profético. Geralmente essas obras se desenrolam em sequências de “visões”. Essas mesmas, de forma “espantosa”, têm como objetivo demonstrar a conexão que existe entre o “Mystérium”, e o “ser” enquanto “ἄνθρωπος-antrôpos-homem”, no sentido genérico, ou seja, pessoa ou ser humano.<sup>14</sup> Este homem “antrôpos” também pode ser identificado como o “ἄνθρωπος πνευματικὸς- antrôpos pneumatikós”, ou seja, o “homem espiritual”, que a tudo discerne, e isto enquanto “ser” inserido no cosmo, questão que parece querer refletir o “espantoso”

<sup>12</sup> O *Liber divinorum operum* (Livro das obras divinas) é uma das principais obras de Hildegarda de Bingen, ao lado do *Scivias* (contração do latim *Scito vias domini*: Conhece os caminhos do Senhor). A composição dessas obras atravessou décadas: 1141-1151 para o *Scivias*; 1163-1174 para o *Liber divinorum operum*. O livro *Physica* (também intitulado *Livro da medicina simples*) se interpõe a esses dois, entre 1151-1158. Indicamos as seguintes traduções: ILDEGARDA DI BINGEN. *Il libro delle opere divine*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2003. HILDEGARDA DE BINGEN. *Scivias*. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

<sup>13</sup> GÓNGORA, María Eugenia. Las Figuras Femeninas de la Sabiduría y la Justicia en la Obra De Hildegard de Bingen (1098-1179). *Teoliterária*. Revista de literaturas e Teologias, v. 12, n. 27, p. 164-171, 2022.

<sup>14</sup> SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear grego português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004, p. 22.

relatado através do apóstolo Paulo: “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é discernido” (1Cor 2,14-15).

A referida forma “espantosa” é identificada por Rudolf Otto como o “tremendum” que se caracteriza pelo “numinoso”<sup>15</sup>, ou seja, um sentimento de criatura que necessita da dependência divina total. Essa sensação do “misterioso”, ou algo espantoso na comunidade primitiva, também emergiu de uma sensação estranha e nova nos seus ânimos. Essa sensação contribuiu para a evolução histórico religiosa da humanidade e se define por essa expectativa de que algo “tremendum-tremendo” está prestes a acontecer. No caso de Hildegarda, o “tremendum” culminou em uma visão, representada especificamente no *Liber divinorum operum*.<sup>16</sup>

Por vezes, Hildegarda se esforça em esclarecer que o “ἐγώ - egô - eu” não tem a primazia, ou seja, fica em um segundo plano. O objetivo de não priorizar o “eu” é para que haja uma verdadeira “kenosis” (do grego, “κενόω - kenóô”), ou seja, um esvaziamento de si mesmo.<sup>17</sup> Ao que parece, a intenção é apontar que somente através desse esvaziamento das vaidades que a contemplação da totalidade do universo ocupará seu devido lugar. O objetivo é descentralizar o mistério unicamente no “eu”, o que possibilitará interpretar o Mistério a partir do “todo”.

Nessa linha de pensamento é perceptível que Hildegarda não teve interesse em trabalhar suas visões de forma abstrata. A estudiosa dava preferência em trabalhar com figuras que pudessem dialogar entre si e, desta forma, transmitir um valor didático, como por exemplo a imagem que mostra que o mundo é uma espécie de um círculo sustentado pelo Mistério. Nessa imagem, o ser humano é o centro, ou seja, o homem enquanto “antrôpos” deve decidir entre o certo e errado, entre o “καλὸν καὶ πονηρόν - kalós kaí ponerón”, ou seja, “o bom e mal”. É responsabilidade de cada ser humano, durante o curso da história, fazer uma das duas opções.

Uma das peculiaridades nas visões de Hildegarda demonstra que o foco da sua missão é restabelecer a harmonia do cosmo com o seu criador. Conforme Marcial, “no período medieval, Hildegarda de Bingen descreve as propriedades terapêuticas da *subtilitas naturae* em sua obra *Physica* (1150) e trata densamente da harmonia celeste, dos elementos naturais e da condição humana no mundo em seu admirável *Liber divinorum operum*”<sup>18</sup>. Isso é comprovado, pois em quase em todas suas visões o foco se centraliza nas questões ecológicas e biológicas. Hildegarda recorre a imagens, sons e personagens, procurando descrever suas intuições na forma de cenas que se assemelham a peças teatrais, como a 2ª visão do *Liber divinorum operum*.

<sup>15</sup> O numinoso se faz presente por seus efeitos psíquicos e pela categoria de interpretação e valoração em si mesmo; não pode ser observado ou apreendido diretamente, mas sua presença pode ser experimentada a partir de sentimentos afins e contrastantes, além das expressões simbólicas (Otto, 1917/2007). Disponível em: <<https://prezi.com/flawy8kwe5yk/o-conceito-de-numinoso-em-rudolf-otto/>>. Acesso em: 16 set. 2023.

<sup>16</sup> OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 37-43.

<sup>17</sup> VILSON, 2004, p. 116.

<sup>18</sup> MAÇANEIRO, Marcial. RELIGIÕES, ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE. Marcial Maçaneiro, SCJ Prólogo: Justiça, paz e ecologia, no cristianismo e além: Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP – 7 de Julho de 2008 Disponível em: <[https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files\\_48a33386ce869.pdf](https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files_48a33386ce869.pdf)>. Acesso em: 25, abril. de 2024, p. 1.

### 3. A 2ª visão do *Liber divinorum operum*

Na 2ª visão do *Liber divinorum opera*, Hildegarda, como é comum em quase todas as suas visões, estabelece uma relação direta do ser humano com o cosmo unidos à natureza. Ele deseja demonstrar que tudo o que há dentro e fora da esfera terrestre possui correspondências conectivas com a humanidade e a biodiversidade ecológica:



Na imagem, no centro do edifício está o homem, a coroa da criação humana. Isso torna o ser humano a principal de todas as criaturas já criadas por Deus. Nessa visão, não é somente o ser humano que se torna dependente da estrutura do mundo, pois todas as criaturas dependem do esquema mundano.<sup>19</sup> A estudiosa descreve um ser divino com duas cabeças sobrepostas, ocupando um mesmo corpo que está coberto de energia ígnea. Ao que parece esta energia não é própria do ser divino feito dessa energia e, sim, sua força tem origem na cabeça sobreposta acima dele, que é a fonte de onde emana todo o seu poder.

Parte dessa visão, em relação a cabeça sobreposta, faz recordar a citação da carta de Paulo aos Coríntios: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a

<sup>19</sup> GLEICHAUF, 2010, p. 28; COSTA; COSTA, 2019, p. 66-67.

cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo” (1Cor 11,3). No relato bíblico, no quesito humanidade, sempre há um cabeça superior às demais. Porém há “Um” que é o cabeça maior, que seria Deus, o grande Mistério. Para tanto, é neste sentido que Deus é o cabeça de Cristo, e esse é o cabeça de toda a humanidade, porém seu poder superior, sua fonte tem origem e jorra de Deus, o divino mistério.

O Ser superior “Deus”, além de ser o cabeça de todo o cosmo, também é o cabeça do ser ígneo “Cristo” e da imagem do homem desnudo, que representa todos os seres humanos. Percebe-se na visão que as questões biológicas estão subordinadas ao homem, razão do estudioso Gleichauf demonstrar que “o ser humano se situa em um plano mais elevado do que animais e plantas”<sup>20</sup>.

É interessante observar que a longitude e a largura do ser dentro da esfera possui as mesmas dimensões. Seus braços, mãos e pernas estão expostos de maneira simétrica. É perceptível que o firmamento também é igual ao seu comprimento e largura. Tratando-se da simetria, algo muito importante, que quase passa despercebido na presente arte, bem como em quase todas suas pinturas, é o fato de que ela não ultrapassa a moldura de tinta. Isto não deve ser entendido como respeito aos limites da moldura de não tocar as bordas, a fim de não poluir a pintura, pois esse respeito aos limites é intencional.

A moldura do quadro pode muito bem representar o limite do espaço sideral. O ser divino ígneo que tem o cosmo dentro de si é o único que pode tocar os limites do universo, porém não pode ultrapassá-lo. Já o ser “Misterioso”, com sua cabeça e cabelos de cor branco-azulado, sobreposto a outra cabeça, está em um meio termo, “Ele” cruza as duas linhas delimitadas. A borda externa, ou seja, a linha azulada que contorna a moldura, se liga aos cabelos da cabeça do ser superior, o que pode indicar o domínio e a conexão sobre todos os limites visíveis bem como da eternidade: “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, mesmo de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90,2).

Este “Ser” pode olhar tudo o que se move dentro dos limites moldurais como também fora (Hb 4,13; Jó 34,21). Tudo se liga à figura afogueada que pode representar muito bem Jesus, o filho do cabeça maior. Ele abraça tudo o que está dentro do cosmo, sinal de cuidado e carinho. As mangas de sua túnica estão arremangadas, podendo perceber até mesmo suas dobras. Isso é sinal de alguém que está em fase de muito trabalho e atividade (Is 40,28; Jo 5,17). Gleichauf expressa que esses detalhes são uma maneira de descrever as diferentes relações, que durante a trabalhosa história da humanidade realizada por Deus vão acontecendo entre o Mistério e os seres humanos.<sup>21</sup>

É interessante observar que os pés do ser ígneo estão direitos, indicando posição de firmeza. Observa-se que um dos seus pés está perfurado, o pé esquerdo. O direito está sem ferimento e demonstra estar são. A razão do pé esquerdo estar ferido é o fato de ser o lado mais frágil, mas não confundido com fraqueza, pois o pé direito fortalece o pé ferido. A ferida pode ser

<sup>20</sup> Em 1 Coríntios, a expressão grega para “cabeça”, “κεφαλή-kephalé”, vem dos radicais “κεφάλαιον-kephálaion”, que significa: coisa essencial, o ponto mais importante ou um capítulo. Este vocábulo vem da raiz de “κεφαλίσ-kephalís”, que significa um “rolo”, podendo indicar “parte de um livro em vários rolos”, ou parte “de uma obra maior”. Percebe-se claramente que à semelhança da expressão “kephalé”, na visão de Hildegarda, a obra maior ou a parte mais importante tem origem na cabeça sobreposta ao ser ígneo. Cf. GLEICHAUF, 2010, p. 28; SCHOLZ, 2004, p. 117; GINGRICH. F. Wilbur e DANKER. W. Frederick. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 116.

<sup>21</sup> GLEICHAUF, 2010, p. 28.

interpretada e representada na figura de Jesus de Nazaré, o qual teve suas mãos e pés perfurados pelos soldados romanos. O pé direito mostra que a ferida já havia sido curada: “foi crucificado por fraqueza, vive, contudo, pelo poder de Deus [...]” (2Cor 13,4).

Percebe-se, ainda que timidamente, nas orlas das vestes, algumas pedras preciosas. A cor dourada desta veste quase se perde, misturando-se com a coloração dourada do fundo, bem como com os dourados de seus cabelos, que pode indicar que se trata de uma grande realeza, de alguém com muito poder, porém humilde a ponto de não revelar a potência de sua autoridade (Fl 2,5-8; Ap 1,12-16). Dentro deste ser divino há quatro espécies de animais, os quais se repetem algumas vezes: o leão, o caranguejo, o lobo e o cervo. Esses seres também fazem lembrar os animais descritos em Ap 4,6-7.

E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás. E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando (Ap 4,6-7).

Para Hildegarda, o leão representa o vento forte com suas rajadas, que se pode ouvir de longe. O caranguejo simboliza a variação, pelo fato de olhar para ambos os lados. O lobo é a confiança, e o cervo representa a docilidade. Estes animais são os responsáveis em soprar e agitar os ventos dentro da esfera, ou seja, o mundo. O vento também é vida e representa o “Espírito” (Jo 6,63). A coloração branca dos ventos se mistura com algumas linhas douradas, podendo muito bem indicar os fragmentos do Espírito se unindo as questões biológicas, polarizando todo o cosmo dentro da criação transmitindo vida. O vento da criação Divina, representado através dos animais, também transmite vida ao mundo, pois é fonte de alimentação biológica. Nesse sopro dos animais, há elementos do universo que sopram para dentro de tudo que se move no globo terrestre, de maneira que suas linhas douradas são fonte da vida racional que perpassam o homem carnal por todos os lados.

Estes animais representam toda a criação divina, a qual está sobe o domínio do ser ígneo. Como coroa de toda a criação de Deus, no centro do mundo está o homem racional. O homem racional deve dominar sobre toda criação de Deus, porém este “domínio” não deve ser entendido como “exploração”, que causa destruição da natureza, pois também ela é a nossa fonte de vida biológica (Gn 1,28).<sup>22</sup>

Ao que parece, a estudiosa tenta expressar o dever que cada ser humano deve ter em relação ao cosmo, ou seja, uma conscientização de preservação biológica. Não é somente o ser

<sup>22</sup> Na Bíblia Hebraica Stuttgartensia a expressão do livro de Genesis “sujetai-a” e “dominai”, não deve ser entendida como exploração sem razão e consciência. A expressão “dominai-a” vem do hebraico “וַיִּכְרַחֲשׁוּהָ”-v’khiv’shuhá” que significa basicamente “conquistar” vem do radical “כָּבַשׁ-kavosh”, indicando um domínio consciente traduzido como “pôr em conserva” e “ocultar”. Algumas vezes que esse verbo surge, pode transmitir a ideia de algo negativo e deve ser traduzido como “oprimir” ou “pensar”, ou seja, ainda assim não seria uma opressão da terra de forma irracional ou inconsciente e sim de forma consciente, pois quem tem ciência usa de forma consciente. Já a expressão “dominai” do hebraico é “וַיִּרְדּוּ-ur’du” significando “oprimir” ou “subjugar” vem do verbo “וַיִּרְדּוּ-radu”. Este verbo está flexionado como “dominem”, porém, a tradução que melhor se encaixa no presente contexto seria “governar, reger ou extrair” com consciência. Cf. ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997, p. 2; HATZAMRI, Abraham e MORE-HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário Hebraico-Português e Português-Hebraico*. Tel Aviv: Editorial Aurora, 1991, p. 132.



humano que sofre a destruição da natureza, mas toda a criação de Deus: “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8,22). Assim como a natureza depende do ser racional para a conservar e cuidar, do mesmo modo o ser humano depende da natureza para usufruir de suas fontes de vida, de maneira que “um” não pode sobreviver sem a dependência do outro. Com relação à natureza, Santos afirma: “preservar, cuidar e monitorar fará parte do nosso dia a dia, a fim de salvar o planeta em que vivemos”<sup>23</sup>. Boff corrobora essa afirmação ao afirmar que a natureza é também a nossa casa comum, ela faz parte da nossa economia doméstica, e cuidar dela é o mínimo a fazer.<sup>24</sup> Nesta mesma linha de pensamento, Marcial, ao analisar a mesma obra em questão, afirma:

Nas culturas, a religião informa a ecologia; a ecologia informa a religião. Pois a consciência ecológica de fundo religioso supõe uma oferta anterior da Natureza à religião. É uma construção dialógica, em oferta recíproca: a Natureza se oferece na sacralidade; a sacralidade se oferece na Natureza. Neste sentido, as concepções de sacralidade podem contribuir para que o ser humano participe responsavelmente do diálogo entre religião e Natureza, como hermeneuta (sujeito que interpreta o Sagrado na Natureza), parceiro (que se põe do lado da vida, irmanado com as criaturas) ou jardineiro (que cultiva a vida pela aplicação diaconal de sua inteligência e habilidades).<sup>25</sup>

Outra questão de suma importância que deve ser observada envolve a perfeição da figura humana dentro da esfera, a qual se torna admirável à medida que se percebe uma certa saúde do corpo, representada pelas linhas expressivas que ressaltam a perfeição escultural do corpo. O peitoral, o abdômen, as pernas bem definidas pelos músculos, somados aos cabelos louros dourados, deixam este ser ainda mais perfeito, mas as linhas mais claras revelam que este corpo é frágil em sua estrutura, pois é homem carnal.

Mesmo sendo um corpo frágil, os relâmpagos de luz que saem do ser ígneo iluminam o corpo. A fragilidade é compensada pela luz fumegante que resplandece no ser humano. A centelha divina brilha mais que os astros dentro da esfera: “Para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo” (Fl 2,15). Em outro momento o apóstolo Paulo expressa que “devemos ter o rosto descoberto refletindo como um espelho a glória do Senhor” (2Cor 3,18).

Percebe-se também que o ser dentro da esfera preenche todo o círculo. Sua cabeça toca as nuvens. Os pés tocam a profundidade do abismo. Também ambos os braços e mãos tocam as laterais, indicando a perfeição do domínio sobre todas as coisas existentes, sejam visíveis ou invisíveis. Ao redor do ser e da esfera percebe-se algumas linhas brancas que se cruzam no fundo azul e contornam o ser humano. Estas linhas saem da boca dos animais e parecem representar o ar ou o sopro que fornece a vida ao ser humano.

<sup>23</sup> SANTOS, João Vitor. Maria de Magdala “Apóstola dos Apóstolos”. *Revista IHU On-line*. São Leopoldo: Instituto Humanitas – Unisinos. A história do mito e a falsificação, Ano 2016, n. 489, p. 31-34. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489> >. Acesso em: 21 de junho de 2020, p. 39.

<sup>24</sup> Boff, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 18.

<sup>25</sup> MAÇANEIRO, Marcial. RELIGIÕES, ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE Dr. Pe. Marcial Maçaneiro, SCJ Prólogo: Justiça, paz e ecologia, no cristianismo e além: Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP – 7 de Julho de 2008 Disponível em: <[https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files\\_48a33386ce869.pdf](https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files_48a33386ce869.pdf)>. Acesso em: 25, abril. de 2024, p. 52.

De certa forma, este vento soprado pelos animais se mistura com as linhas douradas que saem do ser ígneo. É interessante observar que estes seres ocupam posições diferentes. Enquanto existem nove seres dentro do ser ígneo, os quais lançam de suas bocas linhas douradas e ventos esbranquiçados, aos pés do ser humano há três outros animais. Estes animais parecem ter a responsabilidade em receber os ventos dos animais ligados ao ser ígneo, que pode estar se referindo ao círculo que dá continuidade à vida.

Todos os seres parecem trabalhar de comum acordo, a fim de que os ventos sejam soprados para dentro da esfera. Desta forma, quatro nuvens são impactadas pelos ventos que saem da boca dos animais. Automaticamente as quatro nuvens, reconfiguram estes ventos que tiveram origem no leão, no caranguejo, no lobo e no cervo. O objetivo destes ventos parece ter a função de movimentar a esfera, para que mais uma vez a vida tenha continuidade.

Não considerando o contexto histórico hermenêutico de Ez 37,8-10, os quatro ventos têm a responsabilidade de trazer vida aos ossos lançados no vale. Quando o profeta profere as palavras de Deus dando voz de comando aos quatro ventos do Espírito, não somente dão novos tecidos aos ossos, mas também lhes é dado o fôlego de vida.

E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles espírito. E ele me disse: Profetiza ao espírito, profetiza, ó filho do homem, e dize ao espírito: Assim diz o Senhor DEUS: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. E profetizei como ele me deu ordem; então o espírito entrou neles, e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo (Ez 37,8-10).

Na revelação de Hildegarda, o ser humano dentro da esfera está ligado a tudo que se move, internamente e externamente. Dentro da esfera o ser humano está conectado às coisas vitais e, do lado de fora, está conectado a todo mistério divino, mesmo não podendo compreendê-lo em tudo. Assim como os animais e a vida natural estão ligados ao homem, da mesma forma o homem está conectado à vida biológica. A natureza faz parte do homem e o homem da natureza. Suas composições são as mesmas, e o que difere o ser humano desses seres é a centelha divina racional e espiritual.<sup>26</sup>

Por último, para fechar a visão da estudiosa, o corpo desnudo do ser humano chama a atenção à medida que se percebe que tal corpo pertence a esta vida, ou seja, a esta natureza. Tudo o que sua carne necessita está a sua volta. As propriedades medicinais da natureza são tudo que um corpo frágil precisa, porém ela deve ser preservada para que produza os bens necessários para manter a vida humana terra.

### Considerações finais

A 2ª Visão do *Liber divinorum operum* descrita por Hildegarda de Bingen possui uma riqueza artístico-teológica muito enriquecedora para o conhecimento religioso atual. Como teóloga e mística, a estudiosa tem muito a contribuir para os estudos teológicos atuais da Bíblia, além de representar um incentivo à preservação da própria natureza. Por ser mulher, estudiosa

<sup>26</sup> GLEICHAUF, 2010, p. 28.

e inserida em uma cultura dominada pelo gênero masculino seu lugar destacado nos séculos XI e XII torna-se ainda mais louvável. Hildegarda venceu preconceitos e sua influência é marcante na pesquisa da sua obra dos últimos cem anos. Seu conhecimento teológico, nas artes místicas, pinturas bem como na manipulação de ervas curativas ainda tem muito a contribuir para o conhecimento religioso atual.

Entendemos, a partir do que foi proposto sobre a figura do *Liber divinorum operum*, que essa arte-revelação tem suas bases nas questões religiosas bíblico-cristãs. Nesse sentido, a utilização destes métodos de análises artísticas pode enriquecer ainda mais o conhecimento bíblico teológico e trazer uma rica contextualização, válida não somente para a época da estudiosa, mais também para os nossos dias.

Este artigo é também um incentivo às muitas mulheres estudiosas que nos últimos anos vem conquistando seu devido espaço, outrora ofuscados pelas figuras masculinas. Hildegarda pode inspirar mulheres a cada dia mais desenvolverem suas habilidades que se encontram somente na sua singularidade como mulheres. Espera-se também que essa bela obra artística acerca do *Livro das obras divinas* contribua para um despertar em cada leitor a descoberta da importância das artes, figuras e iconografias nas representações espirituais do Mistério. Mesmo não podendo saber exatamente o que realmente seja aquilo que chamamos de “Deus”, o despertar para as artes pode muito bem representar as muitas manifestações de Deus através do seu Mistério, que é único.<sup>27</sup>

## Referências

- BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da Terra Grito dos Pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 18.
- BRUNELLI, Delir. *Ele se fez caminho e espelho: o seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes; COSTA, Rafael Ferreira. *Mulheres Intelectuais na Idade Média*. Entre a medicina, a História, a Poesia, a Dramaturgia, a Filosofia e a Mística. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.
- DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões*. São Paulo: Loyola, 2004.
- ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (eds.). *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, W. Frederick. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GLEICHAUF, Ingeborg. *Mujeres filósofa en la historia*. Desde la Antigüedad hasta el siglo XXI. Barcelona: Icaria, 2010.
- GÓNGORA, María Eugenia. Las Figuras Femeninas de la Sabiduría y la Justicia en la Obra De Hildegard de Bingen (1098-1179). *Teoliterária*. Revista de literaturas e Teologias, v. 12, n.27, p. 164-171, 2022.
- HATZAMRI, Abraham e MORE-HATZAMRI, Shoshana. *Dicionário Hebraico-Português e Português-Hebraico*. Tel Aviv: Editorial Aurora, 1991.

<sup>27</sup> DUPUIS, Jacques. *O cristianismo e as religiões*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 342, 344, 346.

- HILDEGARDA DE BINGEN, *Scivias. Conoce los caminos*, Madrid, Trotta, 1999.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html).
- MAÇANEIRO, Marcial. RELIGIÕES, ECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE. Prólogo: Justiça, paz e ecologia, no cristianismo e além: Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP – 7 de Julho de 2008 Disponível em: <[https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files\\_48a-33386ce869.pdf](https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2020/03/files_48a-33386ce869.pdf)>. Acesso em: 25, abril. de 2024, p.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- PALAZZO, Carmen Lícia. Hildegard de Bingen: o excepcional percurso de uma visionária medieval- Hildegard of Bingen (1098-1179): the Exceptional Way of a Medieval Visionary Woman- Hildegard von Bingen (1098-1179): der außergewöhnliche Weg einer mittelalterlichen Visionärin, 2000. p. 139-149.
- POLL, Maria Carmen Gomes Martiminiano de Oliveira Van de. *A espiritualidade de Hildegarda Von Bingen: profecia e Ortodoxia*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo-Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2009.
- SANTOS, João Vitor. Maria de Magdala “Apóstola dos Apóstolos”. *Revista IHU On-line*. São Leopoldo: Instituto Humanitas – Unisinos. A história do mito e a falsificação, Ano 2016, n. 489, p. 31-34. Disponível em: < <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/489> >. Acesso em: 21 de junho de 2020. p. 39.
- SCHIPPERGES, Heinrich. *The world of Hildegard of Bingen: Her Life, Times and Visions*. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1998.
- SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento Interlinear grego português*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

Submetido em: 20/11/2023

Aprovado em: 17/06/2024